



O NECESSÁRIO RESGATE DA CATEGORIA TOTALIDADE NA FORMAÇÃO DO TRABALHADOR¹

THE NEED TO RESCUE THE CATEGORY OF TOTALITY IN WORKER EDUCATION

Maria Gabriella Pinheiro Silva²

Claudia Barcelos de Moura Abreu³

RESUMO: O presente ensaio tem como objetivo trazer à discussão a relação necessária entre a categoria totalidade e a educação profissional. A partir dos requisitos exigidos pelo mercado de trabalho, sob o paradigma flexível de produção, à formação de trabalhadores, justifica-se a necessidade histórica de se repensar o ensino profissionalizante, atrelado à categoria totalidade, para a aquisição dos conhecimentos objetivos necessários a compreensão e conseqüente transformação da realidade social. Dessa forma, fugindo das armadilhas positivistas, presente até hoje em nosso sistema educacional, constituindo-se uma alternativa imprescindível para a formação orgânica dos trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: categoria da totalidade, formação profissional, produção do conhecimento.

ABSTRACT: This essay aims to bring to discussion the relation between category of totality and all professional education. From the requirements demanded by the labor market under flexible production paradigm, the training of workers, justified the historical need to rethink vocational education, linked to the whole category of totality, for the acquisition of objective knowledge needed to understand and consequent transformation of social reality. Thus, avoiding pitfalls of positivist present today in our educational system, becoming an indispensable alternative to the organic formation of workers.

KEY-WORDS: category of totality, training, knowledge production.

Introdução

A educação aparece historicamente relacionada ao trabalho e dessa interação resultam as políticas públicas e os currículos de ensino profissionalizante do sistema

¹ Trabalho de conclusão da disciplina Seminário de Pesquisa em Trabalho, Tecnologia e educação” do Programa de Pós Graduação em educação da Universidade Federal do Paraná, proferida pela professora Lígia Regina Klein em 2012.

² Mestranda do Programa de Pós graduação em educação da Universidade Federal do Paraná, na linha de Trabalho, Tecnologia e Educação. (mgabriella_recreio@hotmail.com).

³ Doutora em Educação: História, Política e Sociedade pela Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). É professora da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, vinculada ao Programa de Pós Graduação em educação, na linha de "Sujeitos, saberes e processos educativos". (claudiabarcelos@ufpr.br)



educacional brasileiro. Ontologicamente, a relação entre educação e trabalho é de indissociabilidade, tendo em vista o caráter humanizante e educativo que a interação dos seres humanos com a natureza - a partir de uma intenção pré-determinada - proporciona. Dermeval Saviani, um dos principais pesquisadores sobre a Politécnica no Brasil, explica claramente que toda educação se dá pelo/no trabalho e que, portanto, essa relação de identidade acontece da seguinte maneira:

Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. (SAVIANI, 2007, p. 154)

Característico das comunidades primitivas, o trabalho era feito artesanalmente, e as crianças aprendiam no próprio processo de produção de sua existência. Porém, historicamente separados pela divisão social do trabalho sob a lógica capitalista de produção – em consequência da separação da sociedade em classes, pelo advento da propriedade privada -, a educação passa a relacionar-se ao trabalho de forma diferente daquela inerente à produção, com o objetivo de formar profissionais aptos a desempenhar as funções exigidas pelo modo de produção vigente.

A ciência incorporada ao trabalho produtivo, na sociedade capitalista, constitui-se uma potência material, ou seja, se converte em força e meio de produção. A sociedade capitalista, alicerçada através da propriedade privada dos meios de produção da vida material, expropria do trabalhador todo o conhecimento produzido e, nas mãos da classe dominante, devolve-os de forma sistematizada e fragmentada.

Uma vez sistematizado, o conhecimento relativo ao conjunto passa a ser propriedade privada dos donos dos meios de produção, ou dos seus representantes, aqueles trabalhadores intelectuais que representam os donos dos processos produtivos. Eles têm o domínio da concepção do processo e a compreensão do conjunto. Esse mesmo conhecimento é devolvido aos trabalhadores, porém na forma parcelada. (SAVIANI, 2003, p. 138)



Cabe ao trabalhador manual apenas os conhecimentos necessários para o bom desenvolvimento das suas funções. Para Saviani, o ensino profissionalizante derive deste contexto.

Esta concepção capitalista burguesa tem como pressuposto a fragmentação do trabalho em especialidades autônomas. Formam-se trabalhadores para executar com eficiência determinadas tarefas requeridas pelo trabalho. Tal concepção também vai ampliar a divisão entre os que concebem e controlam o processo de trabalho e aqueles que o executam. O ensino profissional é destinado àqueles que devem executar, ao passo que o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo. (SAVIANI, 2003, p. 138)

Atualmente, o paradigma flexível tem demandado um trabalhador não mais fragmentado, limitado, que exerce trabalhos predominantemente manuais como no modelo taylorista de produção, apesar da forte influência deste ainda no modo de produção atual. A necessidade por mão de obra qualificada e flexível demanda um trabalhador polivalente, cooperativo, que tenha iniciativa, raciocínio lógico, envolvimento com a empresa, proatividade e criatividade para inovar; uma postura de observação e reflexão sobre as constantes mudanças que o modelo vai requerer, com uma cultura de aprendizagem permanente, mesmo que a recompensa salarial não esteja diretamente proporcional às novas exigências.

Para essas novas formas de competir e produzir, novos conhecimentos e habilidades se impõem porque a destreza e habilidades manuais já não são suficientes para que o trabalhador tenha um desempenho satisfatório, sendo-lhe exigido um rol de competências técnicas, cognitivas e comportamentais necessárias a uma atuação mais dinâmica e comprometida com os resultados da empresa. Esses processos inovadores parecem demandar atributos que no passado poderiam até ser considerados secundários, mas que hoje se fazem necessários ao enfrentamento de eventos e as situações imprevistas que caracterizam o atual contexto.

Portanto, essas mudanças passam a determinar um currículo diferenciado para a formação de trabalhadores, cujos conteúdos sejam mais amplos e abstratos, com predominância de habilidades cognitivas, centrado no pensar e não mais no fazer. A centralidade da educação no aluno, o deslocamento da função de transmissão do conhecimento socialmente produzido em detrimento de um discurso de que o aluno deve



construir seu próprio conhecimento, foi dando abertura para diversas pedagogias ditas do “aprender a aprender”, como a das competências, o discurso da empregabilidade, a inter, trans e multidisciplinaridades, os métodos ativos.

A necessidade da categoria da totalidade no ensino profissional

A categoria da totalidade é, segundo Marx, fundamental na dialética do conhecimento. Para ele, estes conhecimentos são socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade, construídos em determinadas épocas, como resposta a determinados estímulos, desafios ou necessidade humanas, por meio do trabalho e das relações sociais resultantes deste. Numa perspectiva ontológica, é o trabalho humano o produtor de todo o saber:

(...) concebe os conhecimentos como produto da relação fundamental do homem com a natureza, que se exprime no ato de produzir. Ou seja, os conhecimentos são fruto do trabalho humano. A ontologia trata do problema da inteligibilidade radical do ser. O homem é o criador de si mesmo. Se autopõe pelo trabalho, sendo os conhecimentos produtos do trabalho. Em nossa compreensão, os conhecimentos são produtos do trabalho humano. São portadores de sentido teleológico. (NETO et al., 2009, p.130)

Pensar em produção e aquisição do conhecimento desconsiderando-o em sua totalidade, tal como acontece na educação profissional, reduz esse processo a um conjunto desconexo de conteúdos, em compreensão (ou apenas descrição) dos fragmentos da realidade social e não da realidade social propriamente dita, o que compromete a aprendizagem. Isso porque entende-se que a totalidade, segundo Lukács:

Significa (...), de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas. (LUKÁCS, apud in CARVALHO, 2007p. 179)

Portanto, o todo é a realidade objetiva e é constituído de diversas partes que se relacionam entre si e em movimento. Trata-se de uma relação dialética entre esse todo e às



diversas partes que o compõem. Pois são as determinações recíprocas entre eles que completam o caráter transversal e/ou contraditório do todo.

Essa transversalidade, que faz as partes se conectarem, é conhecida no momento em que a lógica que conduz a sua conexão é encontrada. E a lógica que determina a forma de sociedade dominante em nosso tempo é a capitalista. Trata-se, então, de trabalhar com os alunos as especificidades do ensino, levando em consideração o eixo que as liga dialeticamente, o capitalismo, a luta de classes. Assim, é uma ilusão achar que é necessário (e até possível) identificar e percorrer todas as partes, elementos, categorias e conceitos que estão envolvidas no todo, conforme o método cartesiano. Ou seja, é impossível acreditar que o conhecimento tal como é ensinado na escola, de forma fragmentada entre as disciplinas e dentro delas mesmas, vai proporcionar a visão total do aluno sobre o mundo. Ao contrário, toda essa divisão estabelecida nos currículos, tem por objetivo impedir ou obstacularizar o conhecimento da realidade. Isso não quer dizer que devemos ignorar as partes, mas ressaltar os nexos dialéticos e as contradições que elas mantêm entre si e com o todo.

Para análise total de um fato concreto, é preciso também, considerar operar com as contradições, que vão além das aparências. Esta tem um papel fundante e decisivo para entender os nexos da totalidade. O conhecimento deve ser tratado a partir das determinações mais simples, constitutivas e fundadoras dessa totalidade. Edimilson Carvalho (1983) em seu estudo sobre a totalidade, chama atenção para quatro aspectos sobre a dialética marxista: 1) o conhecimento aparece como uma teia, onde estão entrelaçadas as partes do todo, a partir de uma centralidade; 2) o conhecimento aparece simultaneamente como uma unidade concreta das contradições que se chocam no seu interior e que expressam seu conteúdo e seu movimento; 3) fica evidenciado o fato de que qualquer totalidade contém totalidades a ela subordinadas e está contida em totalidades mais abrangentes, mais complexas, situadas numa escala superior; 4) fica evidenciado o caráter histórico, portanto transitório, da totalidade, de qualquer totalidade dada.

Atualmente, a formação profissional é marcada por uma concepção de totalidade como soma das partes, como justaposição de conhecimentos técnicos, visando a polivalência do trabalhador, que ele seja capaz de desempenhar diversas funções, compatíveis com as exigências do mercado de trabalho. Há, nesse sentido, uma forte



influência da interdisciplinaridade, através da junção das disciplinas em áreas de conhecimento, que tem culminado em novas formas de organização do currículo e do trato metodológico. Porém, esse conceito que tem corroborado o cotidiano escolar, não é a saída para o problema da fragmentação do conhecimento, herdado do fordismo. De fato, já é um avanço esse reconhecimento da necessidade de superação da fragmentação, porém, a solução é paliativa, não passando de uma alternativa burguesa de inserir um novo discurso para uma nova organização.

O resgate da categoria da totalidade no ensino profissional constitui-se uma alternativa metodológica imprescindível, talvez única, no processo de produção e apreensão do conhecimento para uma formação orgânica dos trabalhadores, que desvia dos imperativos positivistas e iluministas, bem como do relativismo presentes na educação até os dias de hoje. Significa inserir na escola a categoria da totalidade como norteadora do ensino.

Considerações finais

Mais que imprescindível, a categoria é uma emergência histórica e social, tendo em vista as contradições presentes no capitalismo sob o paradigma flexível. O toyotismo, para se desenvolver enquanto um novo modo de produção, determinou novas qualificações do trabalho que articulam habilidades cognitivas e comportamentais, imprescindíveis a sua nova base técnica.

Essa nova demanda tem uma dimensão contraditória, que tem deixado brechas para se pensar num ensino politécnico. Por um lado elas expressam a exigência orgânica da produção de mercadorias e por outro elas expressam habilidades humanas exigidas pelo atual modelo de produção do sistema orgânico do capital. Portanto, as novas qualificações do trabalho são exigências pressupostas de um processo civilizatório da produção social.

A aprendizagem, a formação de trabalhadores é reconhecida, por parte dos capitalistas, como determinante na produção e que, portanto, o ser humano é o que mais tem de valioso, ou seja, seu maior recurso nessa fase do capital. Esse pensamento tem-se justificado com os gastos destinados à qualificação profissional nas empresas, cujo discurso



perpassa a sua própria sobrevivência, em meio à competitividade própria do sistema produtivo.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, E. *A totalidade como categoria central na dialética marxista*. In: revista Outubro. Instituto de estudos Socialistas, nº 15, 2007.
- GOUNET, T. *Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 9ªed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe – Estudos sobre a dialética marxista*. Trad. Rodinei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- NETO, Antônio J. de Menezes, et al. *Trabalho, política e formação humana: interlocuções entre Marx e Gramsci*. São Paulo: Xamã, 2009.
- RODRIGUES, J. *A Educação Politécnica no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1998.
- SAVIANI, D. *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. In: Revista Brasileira de Educação, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007